

O Mundo em 1914

A Deflagração da Primeira Guerra Mundial

1

1.1 PRÓLOGO

Na calada da noite de 5 de agosto de 1914, cinco colunas de tropas de assalto alemãs, que tinham entrado na Bélgica dois dias antes, dirigiam-se à cidade de Liège sem esperar muita resistência. Para sua surpresa, o avanço foi interrompido pelo fogo que partia com determinação dos fortes localizados nos arredores da cidade, representando um revés para os alemães. O controle de Liège era essencial para poder seguir com sua operação principal contra a França. Os alemães se viram forçados a recorrer a táticas de cerco, lançando ao ar, com pesados obuses, granadas que mergulhavam de uma altura de 2.500 metros para estraçalhar a blindagem dos fortes. Ainda que fossem resistentes, os fortes belgas não estavam equipados para aguentar esse tipo de ataque por muito tempo. O primeiro deles se rendeu no dia 13 de agosto, e três dias depois, Liège estava sob controle alemão. Esse foi o primeiro grande enfrentamento da Primeira Guerra Mundial, o horripilante conflito de proporções monumentais que viria a marcar o começo de uma nova era na história da Europa e do mundo.

1.2 O MUNDO EM 1914

(a) A Europa ainda dominava o mundo em 1914

A maioria das decisões que definiriam o destino do mundo foi tomada em capitais da Europa. A Alemanha era a principal potência do

continente, tanto em termos militares quanto econômicos. O país tinha superado a Inglaterra na produção de ferro-gusa e aço, mas não em carvão, ao passo que a França, a Bélgica, a Itália e o Império Austro-Húngaro (conhecido como Império Habsburgo) vinham bem atrás. A indústria russa se expandia rapidamente, mas estava tão atrasada no início que não representava um desafio sério à Alemanha e à Inglaterra. Contudo, o progresso industrial mais espetacular durante os 40 anos anteriores havia acontecido fora da Europa. Em 1914, os Estados Unidos produziam mais carvão, ferro-gusa e aço do que Alemanha ou Inglaterra e eram considerados uma potência mundial. O Japão também tinha se modernizado rapidamente e era uma força a ser levada em conta após a derrota da Rússia na Guerra Sino-Japonesa de 1904-1905.

(b) Os sistemas políticos dessas potências mundiais variavam muito

Os Estados Unidos, a Grã-Bretanha e a França tinham *formas de governo democráticas*, ou seja, cada um desses países possuía um parlamento formado por representantes eleitos pelo povo. Esses parlamentos tinham influência importante na condução do país. Alguns sistemas não eram tão democráticos quanto pareciam; por exemplo, a Alemanha tinha um parlamento eleito (*Reichstag*), mas o poder real estava com o chanceler (uma espécie de primeiro-ministro) e com o kaiser (imperador). A Itália era uma

monarquia com um parlamento eleito, mas o direito ao voto estava limitado aos ricos. O Japão tinha uma câmara baixa eleita, mas também lá o voto era restrito, o imperador e o conselho privado detinham a maior parte do poder. Os governos da Rússia e do Império Austro-Húngaro eram muito diferentes das democracias do Ocidente. O czar (imperador) da Rússia e o imperador da Áustria (que também era rei da Hungria) eram *governantes autocráticos e absolutos*. Isso quer dizer que, embora existissem, os parlamentos só podiam assessorar os governantes, os quais, se desejassem, poderiam ignorá-los e fazer exatamente o que quisessem.

(c) A expansão imperial após 1880

As potências europeias participaram de um grande surto de expansão imperialista nos anos posteriores a 1880. *Imperialismo* é a construção de um império conquistando territórios estrangeiros. A maior parte da África foi conquistada pelos Estados europeus, no que ficou conhecido como “a corrida pela África”. A ideia principal por trás disso era assumir o controle de novos mercados e novas fontes de matérias-primas. Também havia intervenção no império chinês que se desagregava. As potências europeias, os Estados Unidos e o Japão, em momentos diferentes, forçaram os impotentes chineses a fazer concessões comerciais. A irritação com a incompetência de seu governo fez com que os chineses derrubassem a antiga dinastia Manchu e estabelecessem uma república (1911).

(d) A Europa se dividiu em dois sistemas de alianças

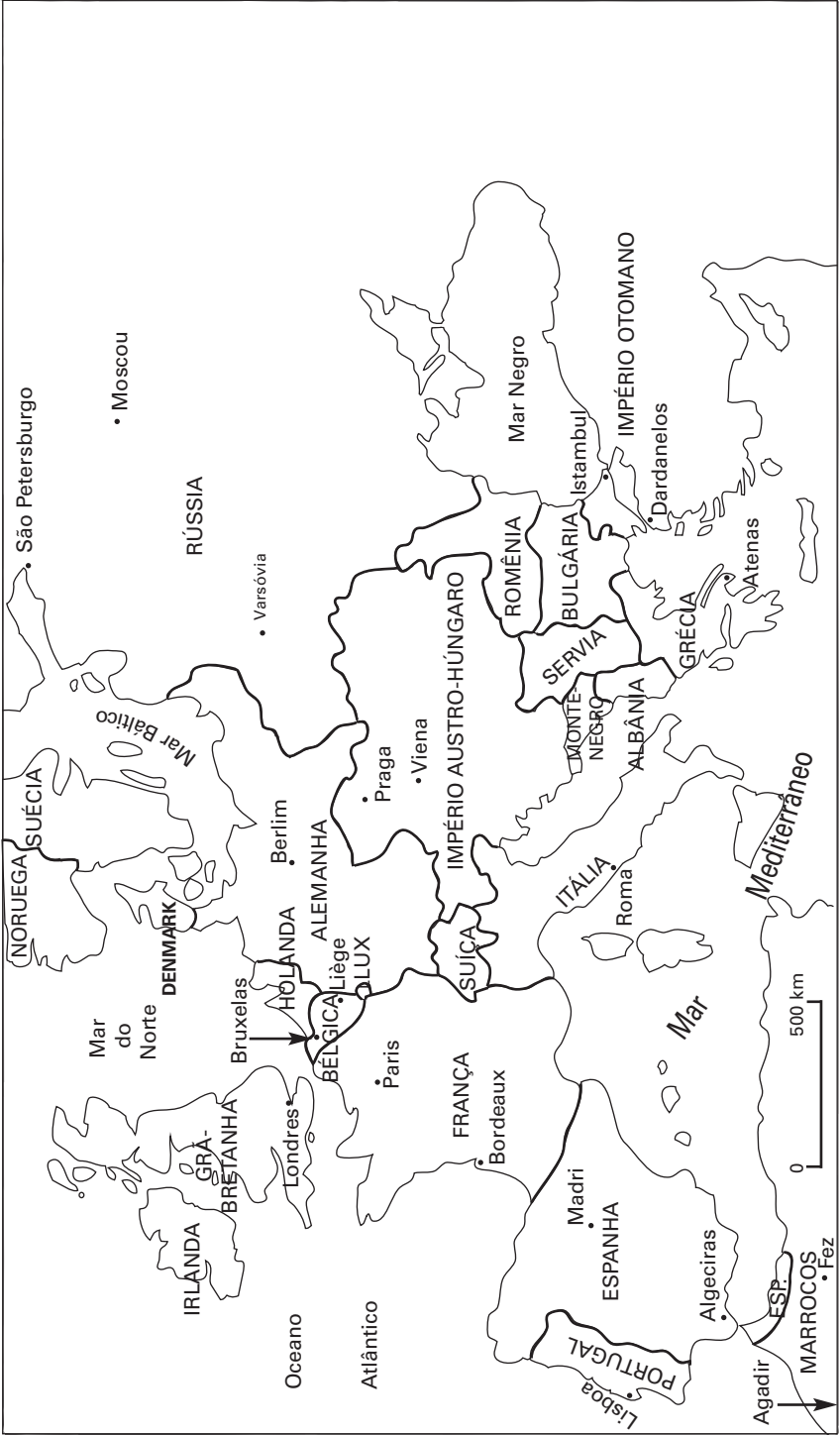
A <i>Tríplice Aliança</i> :	Alemanha Império Austro-Húngaro Itália
A <i>Tríplice Entente</i> :	Grã-Bretanha França Rússia

Além disso, o Japão e a Grã-Bretanha formaram uma aliança em 1902. Os atritos entre os dois principais grupos (por vezes chamados de “campos armados”) levaram a Europa à beira da guerra várias vezes desde 1900 (Mapa 1.1).

(e) Causas de atrito

Muitas causas de atrito ameaçavam perturbar a paz na Europa:

- Havia rivalidade naval entre Grã-Bretanha e Alemanha.
- Os franceses não se conformavam com a perda da Alsácia-Lorena para a Alemanha no final da Guerra Franco-Prussiana (1871).
- Os alemães acusavam Grã-Bretanha, Rússia e França de tentar “cercá-los”, e também estavam decepcionados com os resultados de suas políticas expansionistas (conhecidas como *Weltpolitik* – literalmente, “política mundial”). Embora tivessem se apossado de algumas ilhas no Pacífico e algum território na África, seu império era pequeno em comparação com os de outras potências europeias e não muito compensador economicamente.
- Os russos suspeitavam das ambições austríacas nos Bálcãs e se preocupavam com a crescente força militar e econômica da Alemanha.
- O *nacionalismo* (desejo que as pessoas tem de libertar sua nação do controle de pessoas de outra nacionalidade) sérvio era, talvez, a causa mais perigosa de atrito. Desde 1882, o governo sérvio do rei Milan tinha sido pró-austríaco, e seu filho Alexander, que atingiu a maioridade em 1893, seguiu a mesma política. Contudo, os nacionalistas sérvios eram muito ressentidos com o fato de que, segundo o Tratado de Berlim, assinado em 1878, aos austríacos foi permitido ocupar a Bósnia, uma área que eles achavam que deveria fazer parte da Grande Sérvia. Os naciona-



Mapa 1.1 A Europa em 1914.

listas consideravam Alexander um traidor e, em 1903, ele foi assassinado por um grupo de oficiais do exército que colocou Pedro Karageorgevic no trono. A mudança de regime causou uma profunda alteração nas políticas dos sérvios que agora eram pró-Rússia e não faziam segredo de sua ambição de unir sérvios e croatas em um grande reino eslavo do sul (a Iugoslávia). Muitos desses sérvios e croatas viviam dentro das fronteiras do Império Habsburgo. Sua separação do Império Austro-Húngaro para se tornar parte da Grande Sérvia ameaçaria desmembrar todo o Império Habsburgo já periclitante, que continha povos de muitas nacionalidades diferentes (Mapa 1.2). Havia alemães, húngaros, magiares, tchecos, eslovacos, italianos, poloneses, romenos, rutenos e eslovenos, assim como sérvios e croatas. Se os sérvios e croatas saíssem, muitos dos outros também exigiriam sua independência e o Império Habsburgo se desagregaria. Consequentemente, alguns austríacos estavam ávidos pelo que chamavam de “guerra preventiva” para destruir a Sérvia antes que ela se fortalecesse o suficiente para provocar o desmembramento de seu império. Os austríacos também estavam descontentes com a Rússia por apoiar a Sérvia.

De todos esses ressentimentos, surgiu uma série de eventos que culminaram na deflagração da guerra no final de julho de 1914.

1.3 OS EVENTOS QUE LEVARAM À DEFLAGRAÇÃO DA GUERRA

(a) A Crise do Marrocos (1905-1906)

O episódio foi uma tentativa dos alemães de expandir seu império para testar a recém-assinada “Entente Cordiale” anglo-francesa (1904), com uma visão de que a França reconheceria a posição da Grã-Bretanha no Egito

Calendário dos principais eventos

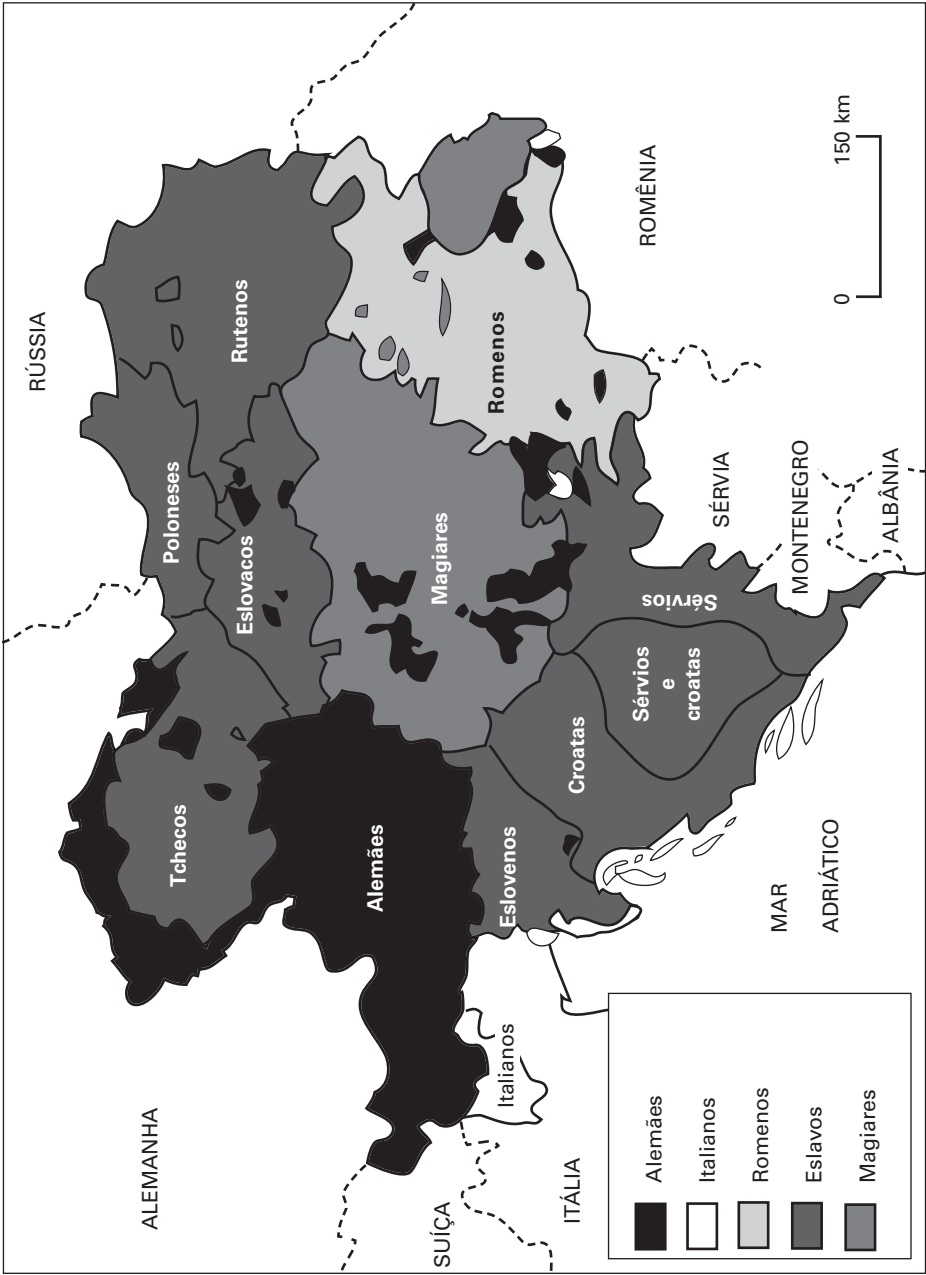
A Europa se divide em dois campos armados:

- 1882 Tríplice Aliança entre Alemanha, Áustria-Hungria e Itália
- 1894 França e Rússia assinam uma aliança
- 1904 Grã-Bretanha e França assinam a Entente Cordiale amigavelmente
- 1907 Grã-Bretanha e Rússia assinam acordo

Outros eventos importantes:

- 1897 Lei naval do almirante Tirpitz – a Alemanha pretende aumentar sua frota
- 1902 Grã-Bretanha e Japão assinam aliança
- 1904-5 Guerra Russo-Japonesa, vencida pelo Japão
- 1905-6 Crise do Marrocos
- 1906 Grã-Bretanha constrói o primeiro grande encouraçado
- 1908 Crise da Bósnia
- 1911 Crise de Agadir
- 1912 Primeira Guerra dos Balcãs
- 1913 Segunda Guerra dos Balcãs
- 1914 28 de junho O Arquiduque Francisco Ferdinando é assassinado em Sarajevo
- 28 de julho O Império Austro-Húngaro declara guerra à Sérvia
- 29 de julho A Rússia ordena mobilização geral de suas tropas
- 1º de agosto A Alemanha declara guerra à Rússia
- 3 de agosto A Alemanha declara guerra à França
- 4 de agosto A Grã-Bretanha entra na guerra
- 6 de agosto O Império Austro-Húngaro declara guerra a Rússia

em troca da aprovação de uma possível tomada do Marrocos pela França. Essa era uma das poucas áreas da África que não estavam sob controle de uma potência europeia. Os



Mapa 1.2 Povos do Império Habsburgo.

alemães anunciaram que ajudariam o sultão do Marrocos a manter a independência de seu país e exigiriam uma conferência internacional para discutir seu futuro. Uma conferência aconteceu como previsto, em Algeciras, no sul da Espanha (janeiro de 1906). Os britânicos acreditavam que se os alemães conseguissem o que queriam, eles praticamente controlariam o Marrocos, o que seria um passo importante rumo à dominação diplomática alemã e os estimularia a pressionar por sua *Weltpolitik*. Os britânicos, que acabavam de assinar sua “Entente Cordiale” com a França, estavam determinados a liderar a oposição à Alemanha na conferência. Os alemães não levaram a sério a “Entente” porque havia um longo histórico de hostilidades entre a Grã-Bretanha e a França, mas, para sua surpresa, a Grã-Bretanha, a Rússia, a Itália e a Espanha apoiaram a exigência francesa de controlar o setor bancário e a polícia do Marrocos. Era uma grave derrota diplomática para os alemães que se deram conta de que o novo alinhamento entre Grã-Bretanha e França era uma força a ser levada a sério, principalmente quando a crise foi seguida pelas “conversações militares” anglo-francesas.

(b) O acordo britânico com a Rússia (1907)

Os alemães consideraram essas conversações como mais uma atitude hostil. Na verdade, era um passo lógico, dado que, em 1894, a Rússia tinha assinado uma aliança com a França, a nova parceira da Grã-Bretanha na “Entente Cordiale”. Por muitos anos, os britânicos consideraram a Rússia como uma grande ameaça a seus interesses no Extremo Oriente e na Índia, mas, recentemente, essa situação mudou. A derrota da Rússia para o Japão na guerra de 1904-1905 era vista como um elemento de considerável enfraquecimento, e o país não parecia representar uma grande ameaça. Os russos estavam ávidos para dar fim à antiga rivalidade e ansiosos

para atrair o investimento britânico a seu programa de modernização industrial. Sendo assim, o acordo resolveu as diferenças que restavam entre eles na Pérsia, no Afeganistão e no Tibete: não era uma aliança militar, nem necessariamente uma jogada antiAlemanha, mas os alemães a consideraram como uma confirmação de seus receios de que a Grã-Bretanha, a França e a Rússia estavam planejando “cercá-los”.

(c) A crise da Bósnia (1908)

Assim, a tensão entre o Império Austro-Húngaro e a Sérvia chegou ao ponto máximo. Os austríacos, aproveitando-se de uma revolução na Turquia, anexaram formalmente a província turca da Bósnia que vinham ocupando desde 1878. A anexação foi um golpe deliberado no Estado vizinho da Sérvia, que também tinha esperanças de tomar a Bósnia, já que ali estavam 3 milhões de sérvios entre sua população mista de sérvios, croatas e muçulmanos. Os Sérvios apelaram por ajuda aos russos, eslavos como eles, e os russos pediram uma conferência europeia, esperando ter apoio francês e britânico. Quando ficou claro que a Alemanha apoiaria a Áustria em caso de guerra, os franceses recuaram, por não estarem dispostos a se envolver em uma guerra nos Bálcãs. Os britânicos, ansiosos para evitar um rompimento com a Alemanha, não fizeram mais do que protestar ao Império Austro-Húngaro. Os russos, ainda abalados por sua derrota para o Japão, não ousavam se arriscar em outra guerra sem o apoio de seus aliados. Não havia quem ajudasse a Sérvia, não aconteceu conferência alguma e a Áustria ficou com a Bósnia. Era um triunfo para a aliança austro-húngara, *mas teve resultados negativos*:

- A Sérvia continuou amargamente hostil à Áustria e foi essa disputa que desencadeou a guerra.

- Os russos estavam determinados a evitar qualquer outra humilhação e passaram a se fortalecer militarmente. Eles pretendiam estar preparados caso a Sérvia alguma vez voltasse a pedir ajuda.

(d) A crise de Agadir (1911)

Essa crise foi causada por outras evoluções na situação do Marrocos. Tropas francesas ocuparam Fez, a capital do país, para dominar uma revolta contra o sultão. Parecia que os franceses estavam à beira de anexar o Marrocos. Os alemães enviaram uma canhoneira, a *Panther*, ao porto marroquino de Agadir, esperando pressionar os franceses a compensar a Alemanha, talvez com o Congo francês. Os britânicos ficaram preocupados com a possibilidade de os alemães adquirirem Agadir, o que poderia ser usado como uma base naval de onde poderia ameaçar as rotas comerciais britânicas. Para fortalecer a resistência francesa, Lloyd George (o chanceler britânico do Exchequer, o encarregado das finanças) usou um discurso que deveria fazer no banquete do prefeito de Londres na Mansion House, a residência oficial do mandatário da cidade, para mandar um recado aos alemães. Ele disse que a Grã-Bretanha não ficaria assistindo e deixando que se aproveitassem dela, “onde seus interesses fossem afetados em termos vitais”. Os franceses se mantiveram firmes, não fazendo qualquer concessão importante, e o navio alemão acabou sendo retirado. Os alemães concordaram em reconhecer o protetorado francês (o direito de “proteger” o país de uma intervenção estrangeira) sobre o Marrocos em troca de duas faixas de território no Congo Francês, o que foi considerado como um triunfo das potências da Entente, mas na Alemanha a opinião pública se tornou intensamente contrária aos britânicos, especialmente porque estes estavam tomando a frente, aos poucos, na “corrida naval”. No final de 1911, eles haviam construído oito dos

novos e mais poderosos navios de guerra do tipo *Dreadnought*, ou encouraçados, comparados com quatro da Alemanha.

(e) A primeira Guerra dos Balcãs (1912)

A Guerra começou quando Sérvia, Grécia, Montenegro e Bulgária (que se denominavam Liga Balcânica) lançaram uma série de ataques à Turquia. Todos esses países tinham feito parte, em algum momento, do Império Turco Otomano. Agora que a Turquia estava frágil (considerada pelas outras potências como “o enfermo da Europa”), eles aproveitaram a oportunidade de adquirir mais terras às custas da Turquia e, em pouco tempo, capturaram a maior parte do território turco que restava no continente. Junto com o governo alemão, Sir Edward Grey, o chanceler britânico, organizou uma conferência de paz em Londres, ansioso para evitar que o conflito se espalhasse e demonstrar que a Grã-Bretanha e a Alemanha ainda poderiam trabalhar juntas. O acordo resultante dividiu as antigas terras turcas entre os Estados balcânicos. Contudo, os sérvios não estavam felizes com seus ganhos e queriam a Albânia, o que lhes daria uma saída para o mar, mas os austríacos, com apoio alemão e britânico, insistiam em que a Albânia deveria se tornar um Estado independente. Essa foi uma jogada deliberada por parte da Áustria para impedir que a Sérvia se tornasse mais poderosa.

(f) A segunda Guerra dos Balcãs (1913)

Os búlgaros estavam insatisfeitos com o que ganharam com o acordo de paz e culpavam a Sérvia. Eles tinham esperanças de obter a Macedônia, mas a maior parte dela tinha sido dada aos sérvios. Portanto, a Bulgária atacou a Sérvia, mas seu plano acabou dando errado quando Grécia, Romênia e Turquia correram para apoiar a Sérvia. Os búlgaros foram der-

rotados e, pelo tratado de Bucareste (1913), perderam a maioria do que tinham ganhado com a primeira guerra (veja Mapa 1.3). Parecia que a influência anglo-germânica tinha impedido uma intensificação da guerra ao restringir os austríacos, impacientes para apoiar a Bulgária e atacar a Sérvia, mas, na realidade, *as consequências das guerras dos Balcãs foram sérias:*

- A Sérvia foi fortalecida e estava determinada a estimular os problemas entre sérvios e croatas que viviam dentro da Império Austro-Húngaro
- os austríacos estavam igualmente determinados a dar um fim às ambições sérvias
- os alemães consideraram a disposição da Grécia de cooperar como um sinal de que



Mapa 1.3 Os Balcãs em 1913, mostrando as mudanças desde as Guerras dos Balcãs (1912-1913).

a Grã-Bretanha estava disposta a se afastar da França e da Rússia.

(g) O assassinato do arquiduque austríaco Francisco Ferdinando

Este evento trágico (Ilustração 1.1) que aconteceu em Sarajevo, a capital da Bósnia, em 28 de junho de 1914, foi a causa imediata para o Império Austro-Húngaro declarar guerra à Sérvia, o que, em pouco tempo, evoluiria para se transformar na Primeira Guerra Mundial. O arquiduque, sobrinho e herdeiro do imperador Francisco José, fazia uma visita oficial a Sarajevo quando ele e sua esposa foram mortos a tiros por um terrorista sérvio, Gavrilo Princip. Os austríacos culpavam o governo sérvio e deram um ultimato. Os sérvios aceitaram a maioria das exigências, mas os austríacos, com uma promessa de apoio alemão, estavam determinados a usar o incidente como uma

desculpa para a guerra. No dia 28 de julho, o Império Austro-Húngaro declarou guerra à Sérvia. Os russos, ansiosos por não decepcionar os sérvios mais uma vez, ordenaram uma mobilização geral (29 de julho). O governo alemão exigiu que ela fosse cancelada (31 de julho) e, quando os russos não cumpriram, a Alemanha declarou guerra à Rússia (1º de agosto) e à França (3 de agosto). Quando as tropas alemãs entraram na Bélgica em seu caminho para invadir a França, a Grã-Bretanha (que, em 1839, tinha prometido defender a neutralidade da Bélgica) exigiu sua retirada. Quando essa exigência foi ignorada, a Grã-Bretanha entrou na guerra (4 de agosto). O Império Austro-Húngaro declarou guerra à Rússia em 6 de agosto e outros países entraram mais tarde.

A guerra viria a ter efeitos profundos no futuro do mundo. Em pouco tempo a Alemanha deixaria de ser dominante na Europa pela



Ilustração 1.1 O Arquiduque Francisco Ferdinando e sua esposa, pouco antes de seu assassinato em Sarajevo, em 28 de junho de 1914.

primeira vez e o continente nunca recuperaria sua posição dominante no mundo.

1.4 O QUE CAUSOU A GUERRA E DE QUEM FOI A CULPA?

É difícil analisar por que o assassinato em Sarajevo evoluiu até se tornar uma guerra mundial, e nem hoje em dia os historiadores conseguem chegar a um acordo. Alguns culpam a Áustria por iniciar a agressão ao declarar guerra à Sérvia; alguns culpam os russos, porque foram os primeiros a ordenar mobilização completa; há quem culpe a Alemanha, por apoiar a Áustria e outros culpam a Grã-Bretanha, por não ter deixado claro que iria apoiar definitivamente a França. Se tivessem sabido disso, os alemães não teriam declarado guerra à França, e a luta poderia ter ficado restrita ao Leste Europeu.

A questão que não se discute é que a disputa entre o Império Austro-Húngaro e a Sérvia foi o que desencadeou a guerra. Essa disputa vinha se tornando cada vez mais explosiva desde 1908, e os austríacos aproveitaram o assassinato como desculpa para uma guerra preventiva com a Sérvia. Eles realmente achavam que, se as ambições nacionalistas sérvias e eslavas por um Estado iugoslavo fossem atingidas, o Império Habsburgo desabaria, ou seja, a Sérvia devia ser contida. O mais provável é que eles tivessem esperanças de que a guerra se mantivesse localizada, como as guerras dos Bálcãs. A rixa austro-húngara explica a deflagração da guerra, mas não por que ela se tornou uma guerra mundial. As razões a seguir estão entre as que foram sugeridas para explicar a ampliação da guerra.

(a) O sistema de alianças, ou "campos armados", tornou a guerra inevitável

O diplomata e historiador norte-americano George Kennan acreditava que, uma vez assi-

nada a aliança de 1894 entre França e Rússia, o destino da Europa foi selado. À medida que as suspeitas aumentavam entre os dois grupos opostos, a Rússia, o Império Austro-Húngaro e a Alemanha se envolveram em situações das quais não conseguiam escapar sem sofrer mais humilhações. A guerra parecia ser a única saída honrosa.

Entretanto, muitos historiadores acham que essa explicação não é convincente. Tinham acontecido muitas crises desde 1904 e nenhuma delas levava a uma guerra importante. Na verdade, nada havia de obrigatório nessas alianças. Quando a Rússia passava por dificuldades na guerra contra o Japão (1904-1905), os franceses não mandaram qualquer tipo de ajuda, nem apoiaram a Rússia quando esta protestou contra a anexação austríaca da Bósnia. A Áustria não se interessou pelas tentativas malsucedidas da Alemanha de impedir que a França tomasse o Marrocos (as crises do Marrocos e de Agadir, 1906 e 1911); a Alemanha impediu a Áustria de atacar a Sérvia durante a segunda guerra dos Bálcãs. A Itália, embora fosse membro da Tríplice Aliança, tinha boas relações com a França e a Grã-Bretanha e entrou na guerra *contra* a Alemanha em 1915. Nenhuma potência chegou a fazer uma declaração de guerra propriamente dita por causa desses tratados estabelecendo alianças.

(b) Rivalidade colonial na África e no Oriente Longínquo

Mais uma vez, o argumento de que a decepção alemã com suas conquistas imperiais e o ressentimento pelo sucesso de outras potências ajudaram a causar a guerra não convence. Embora certamente tenha havido disputas, elas sempre foram resolvidas sem guerra. No início de julho de 1914, as relações anglo-germânicas eram boas: acabavam de chegar a um acordo favorável à Alemanha em relação a uma possível divisão das colônias portuguesas na África, mas havia um efeito colateral

da rivalidade colonial que gerava atritos perigosos: a rivalidade naval.

(c) A corrida naval entre Grã-Bretanha e Alemanha

O governo alemão foi muito influenciado pelas obras de um norte-americano, Alfred Mahan, que acreditava que o poder marítimo era a chave para se construir um grande império. Sendo assim, a Alemanha precisava de uma marinha muito maior, capaz de desafiar a maior potência marítima do mundo, a Grã-Bretanha. Começando com a lei naval do almirante Tirpitz, de 1897, os alemães fizeram um esforço determinado para expandir sua marinha. O rápido crescimento da frota alemã provavelmente não preocupava tanto os britânicos inicialmente, porque sua vantagem era enorme. Entretanto, a introdução dos poderosos encouraçados britânicos em 1906 mudou tudo isso, porque tornou todos os outros obsoletos e significava que os alemães poderiam começar a construir encouraçados em igualdade de condições com a Grã-Bretanha. A corrida naval que resultou disso foi o principal fator de contenção entre os dois até 1914. Para muitos britânicos, a nova marinha alemã só poderia indicar uma coisa: a Alemanha pretendia entrar em guerra contra seu país. Segundo Winston Churchill, contudo, na primavera e no verão de 1914, a rivalidade naval tinha deixado de ser uma causa de atrito, porque “estava claro que nós (a Grã-Bretanha) não poderíamos ser superados em termos dos navios de importância decisiva”.

(d) Rivalidade econômica

Já se disse que o desejo de domínio econômico do mundo fez com que os empresários e capitalistas alemães quisessem a guerra contra a Grã-Bretanha, que ainda possuía cerca de metade da tonelagem dos navios mercantes do mundo em 1914. Os historiadores marxistas gostam dessa teoria *porque culpa pela*

guerra o sistema capitalista, mas os críticos da teoria argumentam que a Alemanha já estava a caminho da vitória econômica, e um importante industrial alemão afirmou em 1913: “Nos deem três ou quatro anos mais de paz e a Alemanha será a dominadora econômica incontestável da Europa”. Com esse argumento, a última coisa de que a Alemanha precisava era uma guerra de grandes proporções.

(e) A Rússia aumentou a probabilidade da guerra ao apoiar a Sérvia

O apoio da Rússia provavelmente tornou a Sérvia mais inquieta em sua política anti-austriaca do que teria sido se não fosse por esse apoio. A Rússia foi a primeira a ordenar uma mobilização geral e foi isso que fez com que a Alemanha se mobilizasse. Os russos estavam preocupados com a situação nos Bálcãs, onde a Bulgária e a Turquia estavam sob influência alemã, o que poderia fazer com que a Alemanha e a Áustria controlassem o Estreito de Dardanelos, a saída do Mar Negro, a principal rota para o comércio russo que poderia ser estrangulado (o que aconteceu, em certa medida, durante a guerra). Sendo assim, a Rússia se sentiu ameaçada e, quando a Áustria declarou guerra à Sérvia, considerou-a como uma luta pela sobrevivência. Os russos também devem ter sentido que seu prestígio como líderes dos eslavos seria desgastado se eles deixassem de dar apoio à Sérvia. Possivelmente o governo considerava a guerra uma boa ideia para desviar a atenção dos problemas que tinha dentro do país, ainda que também deveria saber que envolver-se em uma guerra importante era um jogo perigoso. Um pouco antes do início da guerra, um dos ministros do czar, Durnovo, alertava para o fato de que uma guerra longa representaria muita pressão sobre o país e poderia levar ao colapso do regime czarista. Talvez a culpa seja mais dos austríacos: embora possam ter tido esperanças de que os russos ficassem neutros, deveriam ter-se dado conta

de que seria difícil a Rússia não tomar partido dentro das circunstâncias.

(f) A apoio dos alemães à Áustria foi de importância fundamental

Foi importante a Alemanha ter impedido que os austríacos declarassem guerra à Sérvia em 1913, mas em 1914 os tenham estimulado a fazê-lo. O Kaiser mandou um telegrama exigindo que eles atacassem a Sérvia e prometendo ajuda incondicional por parte da Alemanha. Era como dar aos austríacos um cheque em branco para fazer o que bem entendessem. A pergunta importante é:

Por que a política da Alemanha em relação ao Império Austro-Húngaro mudou? Essa pergunta já gerou muita polêmica entre historiadores e várias interpretações diferentes já foram apresentadas:

1. Após a guerra, quando a Alemanha foi derrotada, o Tratado de Versalhes impôs um duro acordo de paz ao país. As potências vitoriosas sentiram a necessidade de justificar isso colocando toda a culpa pela guerra nos alemães (ver Seção 2.8). Na época, a maioria dos historiadores de fora da Alemanha se alinhou a isso, embora os historiadores alemães naturalmente estivessem descontentes com essa interpretação. Após alguns anos, as opiniões começaram a deixar de colocar a culpa unicamente na Alemanha e aceitar que as outras potências também deveriam ser responsabilizadas em algum nível. Então, em 1961, o historiador alemão Fritz Fischer causou surpresa ao sugerir que a Alemanha deveria, no final das contas, levar a maior parte da culpa, porque arriscou uma guerra de grandes proporções dando um “cheque em branco” ao Império Austro-Húngaro. Ele afirmou que a Alemanha planejou deliberadamente e provocou a guerra com a Rús-

sia, a Grã-Bretanha e a França para se tornar a potência dominante no mundo, econômica e politicamente, e também como forma de lidar com tensões domésticas. Nas eleições de 1912, o Partido Social-Democrata Alemão (SPD) conquistou cerca de dois terços das cadeiras no Reichstag (câmara baixa do parlamento), tornando-se o maior partido. Então, em janeiro de 1914, o Reichstag aprovou um voto de desconfiança no chanceler Bethmann-Hollweg, mas ele permaneceu no cargo porque o Kaiser tinha a palavra final. Obviamente um grande choque estava se gestando entre o Reichstag, que queria mais poder, o Kaiser e o chanceler, que estavam determinados a resistir à mudança. Uma guerra vitoriosa parecia uma boa maneira de afastar a atenção das pessoas dos problemas políticos, possibilitar que o governo suprimisse o SPD e manter o poder nas mãos do Kaiser e da aristocracia.

Fischer baseou sua teoria, em parte, em evidências do diário do almirante von Müller, que escreveu sobre uma reunião do “conselho de guerra” em 8 de dezembro de 1912. Na reunião, Moltke (chefe do estado-maior alemão – ver Ilustração 1.2) disse: “Eu acredito que a guerra seja inevitável. Guerra, quanto mais cedo, melhor”. As afirmações de Fischer o tornaram impopular entre os historiadores da Alemanha Ocidental, e outro alemão, H. W. Koch, refutou a teoria dele dizendo que nada saiu daquele “conselho de guerra”. Contudo, historiadores na Alemanha Oriental, comunista, apoiaram Fischer porque sua teoria culpava os capitalistas e o sistema capitalista, ao qual eles se opunham.

2. Outros historiadores enfatizam o fator tempo envolvido na questão: os alemães queriam a guerra não apenas porque se sentiam cercados, mas porque sentiam



Ilustração 1.2 O Kaiser Guilherme II e o General von Moltke.

que a rede estava se fechando ao seu redor. Eles eram ameaçados pelo poder naval britânico e pela expansão militar massiva da Rússia. Von Jagow, ministro de relações exteriores da Alemanha no momento do início da guerra, relatou comentários de Moltke no início de 1914, em que este dizia não haver alternativa aos alemães que não fosse fazer uma guerra “preventiva” para derrotar seus inimigos antes que eles se tornassem poderosos demais. Os generais alemães decidiram que era necessária uma guerra “preventiva”, uma guerra pela sobrevivência e que ela deveria acontecer antes do final de 1914. Eles acreditavam que, se esperassem mais do que isso, a Rússia estaria forte demais.

3. Alguns historiadores rejeitam os itens 1 e 2 e sugerem que a Alemanha não queria uma guerra de grandes proporções de

forma alguma. O Kaiser Guilherme II e o chanceler Bethmann-Hollweg acreditavam que, se assumissem uma linha de forte apoio à Áustria, assustariam os russos e estes permaneceriam neutros, o que, se for verdade, representou um trágico erro de cálculo.

(g) Os planos de mobilização das grandes potências

Gerhard Ritter, importante historiador alemão, acreditava que o plano da Alemanha para mobilização, conhecido como *Plano Schlieffen*, elaborado pelo conde von Schlieffen em 1905-1906, era extremamente arriscado e inflexível, e merecia ser considerado como o início do desastre para a Alemanha e para a Europa. O plano dava a impressão de que a Alemanha estava sendo governada por um bando de militaristas inescrupulosos.

A. J. P. Taylor afirmou que esses planos, baseados em tabelas precisas de horários para uso das ferrovias com vistas a um rápido movimento de tropas, aceleraram o ritmo dos eventos e reduziram a quase nada o tempo disponível para negociação. O Plano Schlieffen partia do pressuposto de que a França se alinharia automaticamente à Rússia. O grosso das forças alemãs deveria ser mandado de trem à fronteira belga e, através da Bélgica, atacar a França, que seria derrotada em seis semanas. A seguir, as forças alemãs se movimentariam rapidamente pela Europa para atacar a Rússia, cuja mobilização se esperava que fosse lenta. Ao saber que a Rússia tinha ordenado mobilização geral, Moltke exigiu imediata mobilização alemã para que o plano pudesse ser colocado em operação o mais rápido possível. Entretanto, a mobilização russa não significava necessariamente guerra, já que as tropas poderiam ser paradas na fronteira. Infelizmente, o Plano Schlieffen, que dependia da rápida captura de Liège, na Bélgica, envolvia o primeiro ato de agressão fora dos Bálcãs, quando as tropas alemãs atravessaram a fronteira para a Bélgica, em 4 de agosto, violando a neutralidade belga. Quase de última hora, o Kaiser e Bethmann tentaram evitar a guerra e pediram que os austríacos negociassem com a Sérvia (30 de julho), o que talvez sustente o item 3, acima. Guilherme sugeriu apenas uma mobilização parcial contra a Rússia, em vez do plano inteiro, esperando que a Grã-Bretanha se mantivesse neutra se a Alemanha deixasse de atacar a França, mas Moltke, nervoso com a possibilidade de ser derrotado por russos e franceses, insistiu em aplicar integralmente o Plano Schlieffen, dizendo que não havia tempo para alterar todos os horários programados para os trens e enviar as tropas à Rússia em vez de à Bélgica. Isso faz parecer que os generais tinham tirado dos políticos o controle das coisas e também sugere que se a Grã-Bretanha anunciasse em 31 de julho que pretendia apoiar a França não teria feito diferença para a Alemanha; era o

Plano Schlieffen ou nada, embora a Alemanha ainda não tivesse qualquer disputa com a França.

O historiador norte-americano Terence Zuber lançou dúvidas sobre essa teoria em seu livro *Inventing the Schlieffen Plan* (2002). Usando documentos dos arquivos militares da ex-Alemanha Oriental, ele afirma que o Plano Schlieffen era apenas uma entre pelo menos cinco opções sendo examinadas pelo alto comando alemão nos anos seguintes a 1900. Uma alternativa cogitava a possibilidade de um ataque russo simultâneo a uma invasão francesa, caso em que os alemães transfeririam forças consideráveis de trem para o leste, enquanto continham os franceses na parte ocidental. Schlieffen chegou a realizar um exercício militar para testar seu plano perto do final de 1905. Zuber conclui que Schlieffen nunca se comprometeu com um único plano, pensando que a guerra na Europa Ocidental começaria com um ataque francês e nunca pretendendo que os alemães mandassem todas as suas forças para a França para destruir seu exército em uma única grande batalha. Foi somente depois da guerra que os alemães tentaram responsabilizar por sua derrota a rigidez e as limitações do chamado Plano Schlieffen, que, na verdade, nunca existiu da forma como eles tentaram transmitir.

(h) Uma “tragédia de erros de cálculo”

Outra interpretação foi proposta pelo historiador australiano L. C. F. Turner, que sugeriu que os alemães podem não ter provocado deliberadamente a guerra: ela teria sido causada por uma “tragédia de erros de cálculo”. A maioria dos principais governantes e políticos parece ter sido incompetente e ter cometido erros crassos:

- Os austríacos erraram ao pensar que a Rússia não apoiaria a Sérvia.

- A Alemanha cometeu um erro crucial ao prometer apoio à Áustria sem impor condições; sendo assim, os alemães certamente tiveram responsabilidade, assim como os austríacos, porque arriscaram uma guerra de grandes proporções.
- Os políticos na Rússia e na Alemanha erraram ao pressupor que a mobilização militar não significaria necessariamente a guerra.
- Se Ritter e Taylor tiverem razão, conclui-se que os generais, principalmente Moltke, erraram ao manter rigidamente seus planos, na crença de que isso traria uma vitória rápida e decisiva.

Não é de estranhar que Bethmann, quando questionado sobre como tudo começou, levantou os braços para o céu e respondeu: “Ah, se eu soubesse”.

Concluindo, deve-se dizer que, atualmente, a maioria dos historiadores, incluindo muitos alemães, aceita a teoria de Fritz Fischer como sendo a mais convincente: que a guerra foi deflagrada deliberadamente pelos líderes alemães. Por exemplo, em *The Origins of World War I*, uma coletânea de ensaios organizada por Richard Hamilton e Holger H. Herwig (2002), os autores examinam e rejeitam a maioria das causas sugeridas para a guerra discutidas acima (sistemas de alianças, planos de mobilização, ameaça do socialismo) e chegam à conclusão de que a responsabilidade última pela catástrofe é da Alemanha. O Kaiser e seus principais assessores e generais acreditavam que o tempo se esgotava para eles à medida que os amplos planos armamentistas da Rússia se aproximavam do final. Herwig afirma que os líderes alemães jogaram com uma guerra vitoriosa, mesmo sabendo que ela provavelmente duraria vários anos. Nas palavras de Moltke, os alemães entraram nesse jogo para cumprir o “papel pré-estabelecido para a Alemanha na civilização”, que seria realizado guerra por guerra.

PERGUNTAS

1. A Alemanha e as origens da Primeira Guerra Mundial

Estude as fontes de A a C e responda às perguntas a seguir.

Fonte A

Palestra apresentada em outubro de 1913 por um inglês, J. A. Cramb, que morou na Alemanha por muitos anos.

A resposta alemã a todo nosso discurso sobre a limitação dos armamentos é: a Alemanha deve aumentar ao máximo seu poder, independentemente de quaisquer propostas feitas a ela pela Inglaterra ou pela Rússia, ou por qualquer país do mundo.... Eu convivi com os alemães e fiquei impressionado com o esplendor desse movimento que, ao longo dos séculos, deu ao país a posição que ele ocupa hoje. Mas, com a melhor disposição do mundo, não vejo qualquer solução para a atual colisão de ideais que não seja trágica. A Inglaterra deseja a paz e nunca irá à guerra contra a Alemanha, mas como pode a juventude da Alemanha, essa nação grande na guerra, aceitar o predomínio mundial inglês? O desfecho é certo e acelerado. É a guerra.

Fonte B

Diário do almirante von Müller, chefe do gabinete naval do Kaiser, em 8 de dezembro de 1912 (em reunião com o kaiser e com militares de alta patente).

O General von Moltke (chefe do estado-maior alemão) disse: Eu acredito que a guerra seja inevitável. Guerra, quanto mais cedo, melhor. Mas temos que trabalhar mais na imprensa para preparar a popularidade da guerra contra a Rússia. O Kaiser apóia essa ideia. Tirpitz (Ministro da Marinha) disse que a marinha preferiria ver a grande luta adiada por dois anos e meio. Moltke diz que a marinha não estaria pronta nem em dois anos e meio, e o exército ficaria em uma posição cada vez mais desfavorável, pois os inimigos estavam se armando mais do que nós. Esse foi o final da conferência. O resultado foi quase nenhum.

Fonte C

Relato de uma conversa mantida em maio ou junho de 1914 escrita de memória por Gottlieb von Jagow, após a derrota da Alemanha na guerra. Em 1914, Jagow era o ministro de relações exteriores da Alemanha.

Entre 20 de maio e 3 de junho de 1914, nossas Majestades ofereceram almoço em homenagem aos aniversários do imperador da Rússia e do rei da Inglaterra. Em uma dessas ocasiões – não me lembro qual – Moltke disse que gostaria de discutir algumas questões comigo. Em sua opinião, não havia alternativa à guerra preventiva para derrotar o inimigo enquanto houvesse chance de vitória. Eu respondi que não estava disposto a causar uma guerra preventiva e que o Kaiser, que queria preservar a paz, sempre tentaria evitar a guerra e só concordaria em lutar se nossos inimigos nos forçassem a isso. Depois disso, Moltke não insistiu. Quando a guerra começou, de forma inesperada e indesejada por nós, Moltke ficou muito nervoso e visivelmente sofria de uma forte depressão.

Fonte: As fontes A, B e C são citadas em J. C. G. Rohl, *From Bismarck to Hitler* (Longman, 1970, trechos).

- (a) O que se pode aprender da fonte A sobre as atitudes britânicas com relação à Alemanha pouco antes do início da Primeira Guerra Mundial?
 - (b) Até que ponto as fontes B e C sustentam a visão de que a principal responsabilidade pela guerra é da Alemanha?
 - (c) Usando as fontes e seus próprios conhecimentos, avalie a força relativa das várias teorias propostas sobre as causas da Primeira Guerra Mundial.
2. Explique por que os eventos nos Bálcãs contribuíram para o aumento da tensão internacional nos anos de 1908 a 1914.
 3. Explique por que a crise da Bósnia de 1908-1909 e as Guerras Balcânicas de 1912-1913 não evoluíram para um conflito generalizado na Europa, ao passo que o assassinato do arquiduque Francisco Ferdinando, em 1914, sim.